

**REPRESENTAÇÕES DO MUNDO NA IDADE MÉDIA:
CONTRIBUIÇÕES ACERCA DOS SIGNIFICADOS SIMBÓLICOS DOS
MAPAS CIRCULARES NA GEOGRAFIA MEDIEVAL**

Diego Maguelniski¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Fabício Pedroso Bauab²

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo

Como citar:

MAGUELNISKI, D; BAUAB, F. P. Representações do mundo na Idade Média: contribuições acerca dos significados simbólicos dos mapas circulares na geografia medieval. **Revista Geografia em Atos (Online)**, v. 5, ano 2021, p. 1-25.

DOI:

<https://doi.org/10.35416/geoatos.2021.8097>

Recebido em: 2020-09-07

Devolvido para correções: 2021-01-12

Aceito em: 2021-02-13

Publicado em: 2021-05-08

Através deste artigo, discutimos alguns significados imbricados em torno da simbologia das representações do mundo, dito mapas (de *mappae mundi*), ou desenhos do ecúmeno (o mundo habitado), presentes nas representações circulares do mundo na Idade Média (V-XV). Dito isso, nossos objetivos se enquadram em uma revisão bibliográfica de notáveis contribuições sobre o assunto, sugerindo possíveis caminhos de análise e interpretação. Destacadamente abordaremos sobre os diagramas T-O's, presentes em edições de obras do bispo e escritor medieval Isidoro de Sevilha (570-636), nos chamados mapas do *Beato*, originados de um escrito do séc. VIII, e demais mapas circulares, que surgiram após o século XII. Para tanto, abordamos alguns aspectos da geografia medieval, que correspondem à algumas heranças provindas da antiga geografia romana, bem como destacamos às particularidades do pensamento geográfico medieval. Para nosso embasamento teórico utilizamos as contribuições de Brotton (2014), Kimble (2005), Carvalho (2006), Santos (2002), Santo Isidoro (2004; 2019), dentre outros autores, através de consulta a artigos, livros, dissertações, teses e publicações em páginas *web*. Por fim, nosso estudo vem atender à necessidade premente de discutirmos assuntos relacionados a epistemologia do pensamento geográfico medieval, relacionados as suas representações do mundo e sua cartografia.

Palavras-chave: Idade Média; Geografia; Cartografia; ecúmeno

¹ Licenciatura em Geografia (UNESPAR - 2019). Mestrando em Ensino de Geografia (PPGG - UNIOESTE).

E-mail: diegomag.com@gmail.com

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-7192-1881>

² Possui graduação em Geografia pelo Centro Universitário de Rio Preto (1998). Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2001). Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (2005). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

E-mail: fabriciobauab@yahoo.com.br

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-2732-1632>

REPRESENTATIONS OF THE WORLD IN THE MIDDLE AGE: CONTRIBUTIONS ON THE SYMBOLIC MEANINGS OF CIRCULAR MAPS IN MEDIEVAL GEOGRAPHIC

Abstract

We would like, through this article, to discuss some meanings interwoven around the symbology of the representations of the world, called maps (of *mappae mundi*), or drawings of the ecumene (the inhabited world), present in the circular representations of the world in the Middle Age (V-XV). We will highlight the diagrams T-O's, present in editions of works by the Bishop and medieval writer Isidoro of Seville (570-636), in the so-called maps of the *Blessed*, originated from a writing of century VIII, and other circular maps that appeared after the century XII. To this end, we approached some aspects of medieval geographic that correspond to some inheritances from ancient Roman geography, as well as highlighting the particularities of medieval geographic thought. For our theoretical basis we use the contributions of Brotton (2014), Kimble (2005), Carvalho (2006), Santos (2002), Santo Isidoro (2004; 2019), among other authors, by consulting articles, books, dissertations, theses and publications on web pages. Our study meets the pressing need to discuss issues related to the epistemology of medieval geographic thought, related to its representations of the world and its cartography.

Keywords: Middle Age; Geography; Cartography; Ecumene

REPRESENTACIONES DEL MUNDO EN LA EDAD MEDIEVAL: CONTRIBUCIONES SOBRE LOS SIGNIFICADOS SIMBÓLICOS DE LOS MAPAS CIRCULARES EN GEOGRAFÍA MEDIEVAL

Resumen

Nos gustaría, a través de este artículo, discutir algunos significados entrelazados en torno a la simbología de las representaciones del mundo, llamadas mapas (de *mappae mundi*), o dibujos del ecumene (el mundo habitado), presente en las representaciones circulares del mundo en la Edad Media (V-XV). Destacaremos en los diagramas T-O's, presente em ediciones de obras del obispo y escritor medieval Isidoro de Sevilla (570-636), en los llamados mapas del *Beato*, se originó a partir de una escritura del siglo VIII, y otros mapas circulares que aparecieron después del siglo XII. Para ello, abordamos algunos aspectos de geografía medieval que corresponden a algunas herencias de la antigua geografía romana, así como destacar las particularidades del pensamiento geográfico medieval. Para nuestra base teórica utilizamos las contribuciones de Brotton (2014), Kimble (2005), Carvalho (2006), Santos (2002), Santo Isidoro (2004; 2019), entre otros autores, mediante la consulta de artículos, libros, disertaciones, tesis y publicaciones en páginas web. Nuestro estudio responde a la imperiosa necesidad de discutir temas relacionados con la epistemología del pensamiento geográfico medieval, relacionados con sus representaciones del mundo y su cartografía.

Palabras clave: Edad Media; Geografía; Cartografía; Ecumene.

Introdução

As representações do mundo, sejam na arte, na cartografia ou na literatura, se posicionam em dado tempo histórico, e foram constituídas em certos espaços, por grupos, pessoas e culturas determinadas. Sendo assim, toda imagem do mundo carrega as marcas temporais das relações de poder, da cultura e da visão de mundo da sociedade que a constituiu. Para a área da Epistemologia e História da Geografia, as antigas representações do mundo, em forma de ilustrações, mapas e cartas constituem preciosos materiais de pesquisa para o estudo do pensamento geográfico.

Parte do estudo das representações do mundo passa, necessariamente, pela sua linguagem simbólica, que é aquilo que no mapa, em forma de elemento gráfico e estético, ou, inscrito em sua forma, refere-se a um conteúdo de uma realidade exterior ao mapa, que pode ser algo de natureza concreta ou abstrata. O símbolo, em si, pode ser tomado como correspondente aos signos, mas a expressão do símbolo pode ultrapassar o signo, pois enquanto o signo é limitado à uma convenção, o símbolo pode se referir à uma realidade não decidida pela convenção (ABBAGNANO, 2012).

Contudo, a linguagem simbólica das representações de mundo, interpretadas em relação ao universo simbólico de dado período, espaço e sociedade, pode ser ao menos estudada, caracterizada e, em parte, compreendida, dentro de certos limites. Dessa forma, nossa intenção é perfazer algumas considerações dentro do campo da Geografia.

O pensamento geográfico medieval, que foi o responsável por moldar as representações ilustrativas do mundo à época, foi marcado principalmente pela tradição restrita às autoridades letradas e a adaptação da estrutura do mundo, em escala cósmica e terrestre, à exegese cristã. Contudo, a geografia da Idade Média se valeu de heranças cosmográficas provindos dos antigos gregos e romanos, absorvendo parte de sua organização de mundo, sua astronomia e sua tradição literária.

O que foi relido, reinterpretado e produzido de conhecimento geográfico na Idade Média foi, certamente, seletivamente colhido do pensamento geográfico antigo. A antiga geografia de Claudius Ptolomeu (I-II d.C.), da sua obra *Geografia*, ou mesmo, a precisão de sua astronomia, presente em sua obra *Almagesto*, cederam espaço por preferência de autores que tratavam da estrutura do mundo de forma mais simples (KIMBLE, 2005), sem a necessidade de encadear os variados locais da superfície terrestre aos traçados ordenados de

uma grelha de coordenadas, com paralelos e meridianos, baseados em observações astronômicas e métodos matemáticos. Mesmo entre os estudiosos romanos, Ptolomeu parece não ter sido genericamente reconhecido (BROTTON, 2014; KIMBLE, 2005). Viu-se um Macrobius (Ambrosius Theodosius Macrobius, 395-323 d.C.), um Pompônio Mela (I d.C.), Capella (Martianus Minneus Felix Capella, 470 d.C.) e Plínio (Gaius Plinius Secundus, I d.C.), dentre outros autores de assuntos naturais e geográficos, da antiguidade recente, fornecerem a constituição das bases dos escritos geográficos e cosmográficos dos primeiros séculos da Idade Média.

O pensamento geográfico da Idade Média, foi em grande parte restrito à tradição escrita. Bauab (2012), se refere a característica da *intertextualidade*, do saber geográfico medieval. Nas palavras do autor, a palavra escrita, no período medieval, se constituía como guia do conhecimento para interpretação do mundo. Nesse contexto, as ideias captadas da antiguidade, bem como os textos das Sagradas Escrituras cristãs, se constituíram nas principais fontes de saber sobre o mundo, perfazendo às premissas formadoras das representações ilustrativas da Terra.

Os autores gregos e romanos assim reinterpretados, legaram antigas conjecturas de uma terra esférica e a representação da superfície do mundo, como um disco rodeado pelo oceano, às obras de autores da Alta Idade Média (séc. V ao X), como Isidoro de Sevilha (570-636), o autor Anônimo de Ravena (séc. VII) e Beda, o Venerável (675-735). Consideravelmente, Isidoro, foi um dos autores mais lembrados e citados durante todo o período medieval, mantendo sua influência até mesmo ao período das viagens de Cristóvão Colombo (1451-1506), ao chamado Novo Mundo, ou seja, às Américas.

Houve, contudo, um movimento do agir e do pensar do ser humano ainda mais importante a ser considerado, entre o fim da Idade Antiga e os primeiros séculos da Idade Média, que se refere ao crescimento e estabelecimento da primazia da religião cristã e a constituição da tradição filosófica patrística.¹ Nesse particular, Santo Agostinho de Hipona (354-430), foi um dos maiores representantes da filosofia patrística.

¹ No âmbito da patrística se inserem as contribuições da filosofia dos apologetas cristãos dos primeiros séculos da cristandade, que reinterpretaram a filosofia pagã helênica, e de padres e eruditos da Igreja que até o início da Idade Média sistematizaram reflexões filosóficas dentro do âmbito da fé cristã. Destaca-se na literatura da filosofia patrística filósofos religiosos como Santo Agostinho (354-430), Santo Ambrósio (339-397) e São Gregório de Nissa (335-394), e eruditos como Boécio (*Anitius Manlius Torquatus Severinus Boethius*, 480-524). Informações baseadas em Bohner e Gilson (2012).

Em Santo Agostinho, há uma tentativa de reinterpretação do mundo, conforme à leitura cristã, presente, por exemplo, em sua obra *Cidade de Deus*. Alguns aspectos valorizados pela antiguidade, acerca do conhecimento do mundo, presentes na tradição pagã romana, seriam como que “exorcizados” pela retórica e pela filosofia de Agostinho, que atribui novos valores aos objetos e seres criados. À luz da fé, o ser humano volta-se ao interior para buscar o verdadeiro conhecimento, pois, pregava Agostinho, a verdadeira luz, a razão, vem de dentro. Desta feita,

Quando, pois, se trata das coisas que percebemos pela mente, isto é, através do intelecto e da razão, estamos falando ainda em coisas que vemos como presentes naquela luz interior de verdade, pela qual é iluminado e de que frui o homem interior (SANTO AGOSTINHO, 1956, p.117).

Nesta perspectiva, as coisas visíveis e materiais ganham outros valores, reinterpretados como parte da criação de Deus, obras de Sua ação, que funcionam como sinais aparentes do seu poder (BAUAB, 2012).

Expressas nessas premissas filosóficas, o conhecimento escrito, nos séculos após Agostinho, seria marcado como que de um princípio de eterna prece ao Criador, uma busca incessante de coordenar as aparências do mundo aos sinais do cumprimento do plano salvífico da humanidade. Nesse contexto, a simbologia dos signos escritos e ilustrados nas obras do período medieval, se inscrevem na categoria de alegoria, conforme comenta Eco (2014):

O homem medieval vivia, efetivamente, em um mundo povoado de significados, referências, suprassentidos, manifestações de Deus nas coisas, em uma natureza que falava continuamente uma linguagem heráldica, na qual um leão não era só um leão, uma noz não era só uma noz, um hipogrifo era real como um leão porque, como este, era signo, irrelevante existencialmente, de uma verdade superior. (ECO, 2014, p. 104).

Nesse entendimento, resguardados por essa breve explanação das características de visão de mundo no período medieval, podemos agora nos ocupar de abordar as representações do mundo que constituíram parte dos feitos da cartografia e da geografia medievais.

Compreendendo que a concepção de mundo medieval pode ser parcialmente estudada através de suas representações gráficas do mundo, buscamos fazer algumas considerações acerca do pensamento geográfico medieval através da simbologia dos mapas

circulares medievais. Os mapas medievais, assim como as diversas representações do mundo de outros períodos, são sempre eivados de significados simbólicos, concepções de mundo, linguagem técnica e estética, dentre outras características, que dizem respeito à arte, ao pensamento, à cultura, ao conhecimento e aos modos de ser da sociedade em dado tempo histórico.

Dessa forma, empreendemos, no presente estudo, uma atenta revisão bibliográfica sobre o tema de discussão proposto, revisitando importantes contribuições de autores que dissertaram sobre os conhecimentos geográficos medievais, como Brotton (2014), Kimble (2005), Carvalho (2006), Baschet (2006) e Bauab (2012), entre outros. Também, recorreremos aos escritos de algumas fontes primárias do período medieval, como Isidoro de Sevilha e Santo Agostinho, oferecendo uma análise e discussão de seus pontos de vista, e caracterizando, através deles, a forma e o conteúdo da geografia medieval. Dessa forma, revendo as colocações de autores consagrados da epistemologia da ciência, e visitando fontes escritas originárias de pensadores do período medieval, fornecemos algumas perspectivas de análise e interpretação quanto as representações do mundo ao longo da Idade Média, com foco na tradição cartográfica e religiosa dos mapas circulares, discutindo suas implicações cosmográficas e suas conexões simbólicas, de acordo com a cosmovisão predominante de então.

Mesmo que pouco possamos acrescentar aos estudos e discussões publicadas por autoridades no assunto, o presente artigo vem à tona revisar os muitos trabalhos já feitos, tecendo considerações sobre recentes discussões, e dando ênfase ao estudo da cartografia medieval perante o pensamento geográfico, assunto que ainda carece de maior abordagem e estudos no meio acadêmico nacional.

Adotamos, para melhor organização de nossas discussões, um seguimento cronológico do período medieval, estabelecido em Alta Idade Média (X-V) e Baixa Idade Média (XI-XV). Com base nessa periodização, discutimos as características simbólicas e estéticas dos mapas circulares medievais, desde seu aparecimento, dentre os séculos VII e VIII, às suas posteriores modificações, aos séculos XII e XIII. Contudo, antecedendo essa abordagem, apresentamos uma argumentação histórica sobre a origem da representação do mundo como um círculo, dentro do pensamento geográfico ocidental. Dessa forma, nos remontamos à época da Antiguidade Grega e Romana, mais ou menos a partir do VI a.C.,

até os séculos III e IV d.C., buscando explicar, brevemente, sobre algumas antigas concepções geográficas que tiveram ampla influência na geografia romana, e, que, por sua vez, incidiram diretamente sobre a concepção gráfica da imagem mundo que predominou ao período medieval, em que notadamente se destaca a representação da Terra de forma arredondada.

Dessa forma, o presente estudo se organiza em duas etapas de argumentação, sendo que ambas se correlacionam: as origens antigas da concepção do mundo como um círculo, e sua influência nas geografias romana e cristã medieval; os mapas circulares medievais, suas características simbólicas, e suas modificações ao longo da Idade Média.

A partir dessas considerações, introduzimos o leitor e a leitora ao mundo da cartografia e da geografia medieval, cujos significados iremos explorar através da abordagem acerca de alguns dos principais mapas do período, descendentes da tradição geográfica romana dos *orbis terrae* (CARVALHO, 2006): mapas circulares que pretendiam representar o mundo habitado.

O mundo como um círculo

Antes de ser utilizada pelos ilustradores medievais, o mundo em forma de círculo já estava presente na geografia romana. Conforme Carvalho (2006), os mapas romanos antigos eram chamados de *orbis terrae*, algo como “orbe da terra”, em tradução livre. Poucas pistas nos restaram acerca destes antigos mapas. Reconhecidamente redondos, a intenção desses mapas tinha um caráter militar e político, uma vez que pretendiam representar os antigos e extensos domínios do Império Romano, possibilidade defendida por Brotton (2014).

Certas características da geografia romana antiga, foram herdadas as representações de mundo dos mapas medievais. Uma dessas características é a tripartição das terras conhecidas do mundo: os domínios continentais de Europa, Ásia e África (também chamada de Líbia). Também, avultava-se, na geografia romana e medieval, a existência de um quarto e desconhecido continente na zona austral do mundo, chamado por vezes de *antípodas* (anti-pés, ou, pés ao contrário), obedecendo a um princípio de simetria global entre as terras do mundo, nascido das antigas conjecturas de Crates de Malo (I d.C.). Sua existência e sua

possível habitabilidade, foi uma discussão que envolveu grandes eruditos do período medieval (BOORSTIN, 1989; GIUCCI, 1992).

Em parte, a teoria do continente antípoda, estava ligada à concepção geográfica da divisão do mundo em faixas ou zonas de clima. É atribuída a origem dessa teoria a Parmênides de Eléia (VI a.C.), que teria sido uns dos primeiros filósofos gregos a conjecturar a esfericidade da Terra. Segundo a antiga teoria das zonas climáticas, o mundo seria dividido em cinco grandes faixas, divididas entre as porções setentrional e austral do globo. Duas zonas (ou praias, como alguns escritos chamam), eram regiões extremamente frias, próximos aos extremos Sul e Norte. Nomeadas de frígidas, eram tidas por inabitáveis. Duas zonas que ficavam entre o que se considerava a zona central e as zonas frígidas eram as chamadas zonas temperadas. O clima dessas zonas temperadas era considerado ameno e propício à vida. Como uma zona estava na porção setentrional (norte) e outra na porção meridional (sul) do mundo, considerava-se a existência de terras habitáveis nessas regiões. O mundo conhecido ficaria na zona temperada setentrional, enquanto o teórico continente antípoda, poderia estar localizado na zona temperada meridional. Separando as faixas amenas estava uma zona central, em torno do que hoje chamamos de linha do Equador. Essa faixa, abrangia uma extensa região central do mundo, e era chamada de Zona Tórrida. De característica seca e quente, era teorizada como inabitável e intransponível. O oceano, nos seus domínios, agitava-se demasiadamente, o que impossibilitaria a navegação, além de se pensar muitas vezes que o calor dessa região seria insuportável à maioria dos seres (BOORSTIN, 1989; GIUCCI, 1992; BROTTON, 2014).

A seguir, apresentamos uma imagem retirada de um manuscrito antigo, na Figura 1, cópia da obra *Comentário sobre o sonho de Cipião*, de Macrobius, escrito romano que possui certas teorias geográficas de influência nas concepções medievais. Na imagem vemos a ilustração da citada teoria das faixas ou zonas de clima, e o suposto continente antípoda teorizado pelos antigos romanos:

Figura 1: Mundo e zonas climáticas em Macrobius



Fonte: Biblioteca Nacional de Paris (s.d.). Dimensões adaptadas.

Entre as várias características de concepções geográficas, que se expressam na Figura 1, além das zonas climáticas e a quadripartição do mundo, vemos a representação de um grande círculo de águas envolvendo os continentes. Essa característica conceitual acerca da configuração do mundo, advém desde os antigos gregos, expressa nas obras de Homero (IX a.C.) e Hesíodo (VII a.C.). Nessa concepção, os confins do mundo seriam ladeados por um grande oceano circular, chamado pelos medievais de Grande Oceano. Nas conjecturas gregas antigas, era chamado de “Rio Oceano”, pois acreditava-se que corria como um rio, circulando ao redor do orbe.

Esquematizadas no contexto da geografia dos escritos romanos, as teorias antigas sobre a configuração da superfície terrestre foram copiadas e muitas vezes readequadas pelos sábios medievais, que partiam de alguns pressupostos que correspondiam às expectativas dogmáticas cristãs acerca do mundo. Alguns dos primeiros teóricos cristãos a se debruçar sobre alguns dos problemas referentes à configuração da superfície terrestre foram Lactâncio (Lucius Caecilius Firmianus Lactantius, 250-325 d.C.) e Santo Agostinho de Hipona (354-430 d.C.). Contudo, talvez mais populares ainda foram as ideias geográficas transmitidas através de Paulo Orósio (375~80 – 418~20 d.C.), mediante sua obra *Historia Adversum*

Paganos, e Isidoro de Sevilha (570-636), que entre outras obras destacamos a sua enciclopédia chamada *Etimologias* e seu tratado *De natura rerum*. Vejamos como Isidoro de Sevilha definia a tripartição do mundo e considerava suas fronteiras:

La región de la tierra se divide en tres partes, de las cuales una parte es llamada Europa, otra Asia y la tercera África. Europa está separada de África por los confines extremos del océano y las columnas de Hércules. Asia y Libia se separan de Egipto por la desembocadura del río Nilo llamado Canópico. Europa se divide de Asia por el río Tanais que arroja un doble lago, llamado Meótide. Asia, como dice el bienaventurado Agustín, se extiende desde el Meridión hasta el Septentrión por el Oriente. Europa lo hace desde el Septentrión hasta Occidente. África del occidente hasta el Meridión. (ISIDORO, 2019, p. 197).

Aglomeram-se em Isidoro, um compêndio de tradições antigas. As Colunas de Hércules, que estudiosos respondem que talvez seja o que hoje chamamos de Estreito de Gibraltar, entre a Península Ibérica e o norte da África, eram consideradas um antigo limite geográfico aos seres humanos, o qual foi imposto pelo semideus, sinalizando que ali terminava o mundo habitado (GIUCCI, 1992). As direções cardeais, parecem ser colocadas como ordenações absolutas do mundo, fundamentadas nas Sagradas Escrituras e nas autoridades eclesiásticas como Santo Agostinho.

Para Isidoro, o mundo é um círculo, assim como nos antigos orbes romanos. Suas declarações se tornaram fórmulas recitadas com frequência por autores posteriores do período medieval. Isidoro diz em sua obra *Etimologias*: “*Se denomina orbe por la redondez de su círculo, porque es semejante a una rueda; por eso, a una rueda pequeña se le da el nombre orbiculus.*” (ISIDORO, 2004, p. 997; 999). Declaração simples, porém, dúbia. Do ponto de vista de uma representação da superfície terrestre, os problemas dessa colocação são menores do que do ponto de vista da Astronomia, pois não é dado clareza quanto ao verdadeiro formato da Terra em três dimensões. Se a roda com que Isidoro compara a superfície da Terra é a forma tridimensional com que concebe as dimensões do mundo, não o sabemos.

Enfim, compenetrados dessas particularidades relacionadas às particulares representações do mundo na Idade Média, partamos à identificação de algumas características elencadas nos mapas medievais em si, nos limitando à tradição dos mapas circulares e arredondados, presentes durante quase todo o período medieval. Para realizar este esforço contaremos com as elucidações de Brotton (2014), Santos (2002) e Eco (2014), dentre outros autores e autoras.

Representações cartográficas medievais: os mapas circulares e arredondados do ecúmeno e suas implicações simbólicas

Inicialmente, assim como esclarecemos anteriormente, os mapas medievais serviam como ilustrações de obras escritas (CARVALHO, 2006). É possível que as mais antigas ilustrações medievais do mundo tenham provindo de cópias de escritos de Isidoro de Sevilha, destacadamente sua obra *Etimologias*. Para Bauab (2012), Isidoro teria sido o próprio criador das primeiras ilustrações de mapas em suas obras. Essas ilustrações eram simples esquemas do mundo, de apenas alguns centímetros de diâmetro, que apresentavam um pequeno círculo dividido em três partes, chamados hoje comumente de mapas “T-O”, porque os cursos de água que dividiam o círculo em três partes geralmente formavam um “T”, dentro de um círculo “O”. As três divisões representavam os três continentes: Europa, África e Ásia. Visualizemos, a seguir, a Figura 2, que apresenta um exemplo de mapa T-O em um fólio de uma cópia de *Etimologias*, do século XV:

Figura 2: Mapa T-O em *Etimologias*, século XV



Fonte: *Etymologiae* (1472). Disponível em: Bonerman (2014). Dimensões adaptadas.

Muitos elementos desse simples esquema, convergem para simbologias típicas das concepções medievais cristãs, sobre a geografia do mundo. Primeiro, devemos indicar que a maioria dos mapas medievais, apresenta o Oriente (Leste), como direção mestre da

representação, ficando sempre na parte superior. Por consequência o Ocidente (Oeste), fica na parte inferior. O Norte era posto à esquerda, o Sul à direita. Nada disso era por mero capricho: como direção mestre, acreditava-se que o Oriente apontava para a direção do antigo Jardim do Éden, o Paraíso Terrestre. O Oriente, em relação à Europa, foi a Terra do povo escolhido dos hebreus, e segundo interpretações das Sagradas Escrituras, lá teve início a história. A tripartição do mundo também é simbólica: os três continentes representam as terras doadas aos filhos de Noé após o dilúvio universal (Gênesis 9, 18-19) – note que o mapa T-O acima apresenta até mesmo os nomes dos filhos de Noé (Sem, Cam e Jafet) escritos após os nomes dos continentes; também há possíveis associações com a Santíssima Trindade e os três reis magos que visitaram Jesus após seu nascimento (Mateus 2, 1-12). A tripartição do ecúmeno é dessa maneira expressa de maneira particularmente alegórica (BAUAB, 2012; KIMBLE, 2005; BOORSTIN, 1989).

Possivelmente, os cursos de água na Figura 1, em forma de “T”, lembram, de acordo com Brotton (2014), a crucificação de Cristo. Fora esse aspecto simbólico, os cursos de água dizem respeito a mares e rios conhecidos que faziam papel de fronteira física entre os continentes. Em vertical, vemos provavelmente o Mar Mediterrâneo, separando a Europa, na parte inferior esquerda, e a África, na parte inferior direita. Separando a Europa da Ásia, na parte centro esquerda, está representado possivelmente o rio Danúbio (citado por Isidoro como *Tanais*), e conjuntamente os mares de Azov, Negro e o Báltico. O curso de água na parte centro direita separa a África da Ásia, e representa o rio Nilo (KIMBLE, 2005; BORNEMAN, 2014). Também, nesse mapa, vemos mais claramente a representação do Grande Oceano (Mar Oceano), que envolve o mundo, provindo das tradições gregas antigas.

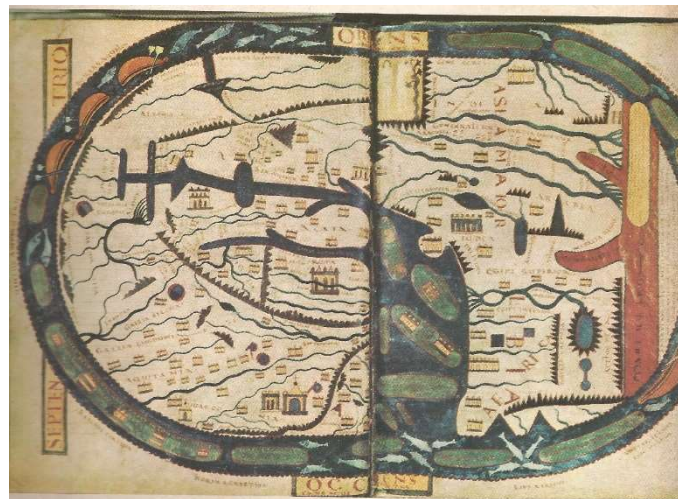
A princípio, um mapa como esse, não serviria para localizar precisamente coisa alguma sobre a superfície da Terra. Contudo, seu objetivo é outro, pois as relações que dão significado ao mapa “T-O” foram outras. Interpretando Santos (2002) e Kimble (2005), pode-se dizer que os mapas “T-O” eram rudimentares porque não pretendiam representar o mundo com precisão geométrica. De acordo com uma inferência de Santos (2002), os mapas medievais, pretendiam apontar para um outro lugar, um não lugar, transcendente ao mundo, atingível não pelos esforços humanos, mas pela resignação e pela fé.

As relações expressas pelos mapas “T-O” e sua estética simbólica, continuariam presentes em outras representações cartográficas medievais. Surgidos quase ao mesmo

tempo que os mapas “T-O”(s) medievais, os mapas eclesiásticos presentes em cópias da obra *Comentário ao Apocalipse*, de um monge conhecido apenas por Beato de Liébana (séc. VIII), provém do mesmo contexto cultural do ocidente, porém resguardam características mais ricas e complexas que os simples esquemas T-O.

A família de escritos litúrgicos do *Comentário ao Apocalipse*, chamados de *Beatos*, apresentavam ilustrações do mundo, os “mapas do Beato”, em grande parte ilustrados para representar as terras do mundo a serem evangelizadas pelos Apóstolos de Jesus (BORGES, 2010). O modelo original do mapa, pretensamente elaborado pelo Beato de Liébana, perdeu-se, mas restaram várias cópias, produzidas desde o século VIII, que dão pistas da configuração do modelo original. Entre si, esses mapas guardam certas diferenças, que refletem as várias influências que receberam através do tempo, sendo reconhecidos ao todo 16 mapas, 14 deles em manuscritos do *Comentário ao Apocalipse*, e 2 da mesma tradição cartográfica, embora separados dos manuscritos (BORGES, 2010). Vejamos as características do mapa do Beato de Saint-Sever, produzido em 1086, que segundo Borges (2010), reúne diferentes características de outras versões dos mapas do Beato. Segue o mapa na Figura 3:

Figura 3: Mapa mundo do *Beato* de Saint-Sever, 1060



Fonte: História da Cartografia (1967, p.57).

Segundo Borges (2010), os manuscritos do *Comentário ao Apocalipse*, são baseados na tradição textual geográfica das obras de Isidoro de Sevilha e Paulo Orósio. Entre os mapas T-O e os Beatos, há certas características que comungam da mesma tradição escrita (presença

dos três continentes de África, Ásia e Europa; os cursos do Rio Danúbio e o Nilo; o mar Mediterrâneo; organização do mapa com o Oriente na parte superior, entre outras). Contudo, o que desperta a atenção para o mapa representado acima (Figura 3), são suas diferenças do mapa T-O anterior (Figura 2): uma maior riqueza pictórica; em vez de três, vemos representados quatro continentes, o quarto correspondendo ao teórico continente antípoda (na parte próxima à borda direita) (BORGES, 2010); o mapa pode ser até redondo, mas é diferente em relação ao mapa T-O anterior, pois este se apresenta oblongo. Há muitos trechos escritos no mapa, proveniente provavelmente de descrições fornecidas pela já tradicional literatura de mundo (Plínio, Orósio, Isidoro etc.) e nas Sagradas Escrituras. Vemos uma utilização de algumas ilustrações para representar templos, castelos e diversas elevações, também os rios são representados com maior variedade e quantidade.

A terra imaginária ao Sul, o continente antípoda, fica após um mar austral colorido de vermelho. Um golfo adentrando o continente parece representar também o Mar Vermelho, citado nas Sagradas Escrituras. Essas águas, coloridas dessa forma, podem estar representando a crença na Zona Tórrida, após qual ficaria a citada terra antípoda (BORGES, 2010). Comprova isso a inscrição dentro do espaço em branco do continente desconhecido, provavelmente baseada em Isidoro de Sevilha (2005): uma terra desconhecida, nos confins do mar do Sul, após a zona tórrida, na qual “fantasiosamente se diz” que é habitada pelos antípodas. Conforme Giucci (1992), nos diz a respeito da frase de Isidoro, o emprego de “fabulosamente” ou “fantasiosamente”, revela um princípio de ceticismo cristão por parte do autor, devido à polêmica a respeito da habitabilidade do continente antípoda.²

No cimo do mapa, destacam-se as figuras humanas de Adão e Eva, e uma ilustração da árvore da vida, representando a crença medieval de que no extremo Oriente ficava o Paraíso Terrestre. Assim como no mapa T-O, o Grande Oceano cerca as terras do mundo, dessa vez ilustrado com uma série de ilhas.

² Para Santo Agostinho, Lactâncio e vários outros eruditos cristãos, a possibilidade de haver um continente além da Zona Tórrida, isolado e desconhecido ao restante da humanidade, significava contrariar as Sagradas Escrituras, que não citavam nenhum quarto continente, além, de que a suposição de um novo continente criava difíceis implicações para a história oficialmente narrada nos cânones sagrados. Outra crítica dos opositores à tal lenda ou conjectura é que se a Terra fosse redonda seria inadmissível supor que pessoas, árvores, animais e tudo mais estivesse “de ponta cabeça”, supondo que o continente antípoda estivesse oposto ao zona habitável setentrional. Com base em tal crítica, Lactâncio, por exemplo, negava a esfericidade da Terra. Santo Agostinho (1931), preferia dizer que mesmo que a Terra fosse esférica, não poderia haver um continente antípoda.

Mais ricamente ilustrado, o mapa pretende oferecer aos visualizadores um destaque da história do mundo, conforme as concepções cristãs. Por isso, tem destaque no mapa ilustrações que correspondem a lugares citados nas Sagradas Escrituras: cidades antigas, montes santos, rios da Mesopotâmia, o Templo de Jerusalém, o Paraíso Terrestre. E, além disso, carrega como característica comum a muitos mapas dos escritos dos *Beatos*, a incorporação da menção a diversas regiões do mundo, que como se acreditava, foram evangelizadas pelos apóstolos de Jesus, os primeiros bispos da Igreja (BORGES, 2010). Ao mesmo tempo, o mapa do Beato de Saint-Sever, possui outras especificidades. Borges (2010), nos recorda o contexto histórico e geográfico onde muitos mapas dos Beatos foram produzidos, correspondendo a antiga região hispânica, norte da Península Ibérica. Cópias avulsas também foram produzidas (a mão), entre outros reinos próximos. No caso de Saint-Sever, este foi produzido no mosteiro cluniense de Saint-Sever-sur-l'Adour, hoje França. Segundo Borges (2010), devido a certas devoções ligadas as peregrinações, muitos mapas da família dos Beatos, refletiram a religiosidade pessoal de seus ilustradores. Como observa Borges (2010), dessa forma, templos como Santiago de Compostela, região da antiga Galícia, receberam especial destaque nos mapas.

Contudo, as ilustrações e textos nos mapas mundo medievais tenderam, com o tempo, a se enriquecerem. Em outras regiões da Europa apareceram outras ilustrações do ecúmeno, normalmente ligadas a escritos litúrgicos, à exceção de alguns ecúmenos árabes, feitos em contextos específicos. Ao século XIII, na medieval Londres, foi feito um exemplar mapa litúrgico, ilustrando um saltério (salmo), em comemoração ao terceiro aniversário de canonização de São Richard de Chichester (falecido em 1253)³, que reúne diversos aspectos da tradição dos mapas T-O e da série dos Beatos. Segue a Figura 4:

Figura 4: Mapa do Salmo, século XIII

³ Fonte: <https://www.bl.uk/collection-items/psalter-world-map>. Acesso em: março de 2020.



Fonte: British Library (s.d.). Dimensões adaptadas.

Atentemos a alguns detalhes primários, prementes à discussão. Primeiro que, como os mapas anteriores, o Mapa do Salmo é arredondado. Da mesma forma, vemos representados os continentes nas mesmas posições orientadas pelos outros mapas. O Grande Oceano, sempre presente, envolve o mundo. Os principais canais de água (rios e mares), parecem realmente convergir e formar a figura de um “T” do centro à parte inferior do mapa. Semelhante à tradição presente em alguns mapas dos Beatos, no extremo Oriente, no cimo do mapa, se encontra a representação do Paraíso, com desenhos dos rostos de Adão e Eva. Jerusalém, em visíveis círculos concêntricos, demarca com seu nome o centro do ecúmeno. Não há a representação de um mar austral vermelho, como no mapa de Saint-Sever, mas vemos claramente colorido o Mar Vermelho, entre a África e a Ásia, lembrado pela travessia de Moisés e o povo hebreu nos episódios do livro bíblico do Êxodo.

Assim como os mapas anteriores, o presente mapa não representa uma figura segura das concepções em torno da forma da Terra. Sua aparência é aparentemente chata e circular, como os mapas T-O. Segundo Kimble (2005), Eco (2013) e Carvalho (2006), esta aparência

não nada mais do que uma rudimentar projeção da superfície da Terra. Segundo a autora Carvalho (2006), representar se, de fato, a Terra era plana ou esférica não era importante para os ilustradores medievais. Essa posição, no entanto, não é compartilhada por Santos (2002) e Randles (1994), para os quais os ecúmenos representados nos mapas T-O são evidentemente sinais de uma concepção em torno da forma da Terra, a dizer, plana.

O grande diferencial do Mapa do Salmo, se encontra em seu repertório iconográfico. Acima do mundo dois anjos incensam o Cristo, como que demonstrando sua reverência à divindade redentora do mundo. Acima de tudo, Cristo rege o mundo, segurando em sua mão esquerda um orbe tripartido, que, segundo Carvalho (2006), representa a Terra. Abaixo do ecúmeno, duas ilustrações fabulosas parecem sustentar o mundo: dois dragões, criaturas próprias do imaginário medieval, presentes, também, em citações dos antigos livros das Sagradas Escrituras. Talvez essas lendárias criaturas estejam lá para representar o fim dos tempos, citadas como são em certos trechos do Apocalipse de São João. Talvez, menos possivelmente, sejam parte de um princípio simplesmente decorativo.

No que se refere aos elementos dentro do círculo do ecúmeno, observa-se uma riqueza de detalhes referentes à localização de povos, templos, formações naturais, lugares sagrados e criaturas imaginárias. É notável como que a representação do maravilhoso se entrecruzava com as diversas referências sagradas. Praticamente todos os elementos dessas composições estéticas são representativos da literatura e do imaginário medieval. Segundo Carvalho (2006), nesse contexto, os mapas medievais mesclavam “[...] idéias (sic), imagens, criaturas maravilhosas, cenas da Bíblia, povos distantes, animais e plantas, todos sob o poder de Deus” (p. 60). Tal exposição, justifica-se ao observarmos a diversidade de elementos escritos e desenhados em todo o Mapa do Salmo.

Próximo do cimo do ecúmeno, se encontra certa porção de terras cercadas por um muro, cuja entrada está cerrada por uma grande porta. Certamente, esta é uma representação da crença medieval nos povos de Gog e Magog: tribos fictícias, citadas certa vez no livro do profeta Ezequiel, que causavam medo aos cristãos europeus por estarem associadas ao fim dos tempos e à destruição do mundo. Diziam certas crônicas antigas que a tempos o rei macedônio, Alexandre, o Grande (353-323 a.C.), romantizado pela literatura medieval, teria expulsado Gog e Magog para os confins do Norte do mundo, detendo-os após em uma grande muralha. Contudo, os cristãos sempre esperavam o dia em que esses povos seriam

libertados, e, com sua ira, invadiriam a Europa. Associou-se à imaginação de Gog e Magog, a prática da antropofagia, marca que os europeus inculciam ao pagão selvagem (BOORSTIN, 1989; KIMBLE, 2005; GIUCCI, 1992).

Embora seja difícil avançar e desvendar toda uma função significativa, comum a gama de elementos presentes em mapas medievais como o Mapa do Salmo, é certo que, como Carvalho (2006) e Brotton (2014) notam, esses mapas carregavam consigo uma narrativa própria aos objetivos didáticos e catequéticos da Igreja. As cenas das Sagradas Escrituras lembram a história sagrada revelada pelos sacerdotes através da leitura dos episódios bíblicos e sua posterior explanação. A variedade de figuras humanas e diversos elementos naturais instigavam a contemplação da criação divina. Eco (2014), interpretando João Scoto Erígena (810-877), em *De Divisione Naturae*, parafraseia: “Deus cria de modo admirável e inefável em toda criatura, manifestando-se a si mesmo, fazendo-se visível e conhecido de oculto e incompreensível que é” (ECO, 2014, p. 119).

Nesse sentido, não é com surpresa, que vê-se surgir a partir do século XIII, alguns grandes mapas arredondados em forma de painéis, desassociados de manuscritos, que tinham principalmente o objetivo de fornecer uma rica catequese visual (BROTTON, 2014). Conhece-se, principalmente, dois grandes mapas painéis desse período: o mapa de Ebstorf, Alemanha; e o de Hereford, na Inglaterra. Contudo, para este artigo trabalharemos especificamente com os conteúdos representados no mapa de Ebstorf.

Esses mapas, guardavam muitas características dos mapas circulares e arredondados da tradição dos Beatos e dos mapas T-O, mas se destacam por sua maior dimensão, pelo seu rico detalhamento e amplificada utilização da literatura enciclopédica medieval. Segue, a exemplo dos citados mapas, a Figura 5, que apresenta o painel do mapa de Ebstorf, do qual trataremos mais alguns detalhes da simbologia cartográfica medieval:

Figura 5: Mapa de Ebstorf, cópia do original do séc. XIII



Fonte: Kugler (2007). Disponível em: Schmudlach (2012). Dimensões adaptadas.

Provavelmente, o chamado Mapa de Ebstorf, foi criado entre 1230 e 1240, sendo inicialmente alocado no mosteiro de Ebstorf, em Lüneburg, na atual Alemanha. Quem esteve por trás da criação intelectual do mapa foi Gervásio de Tilbury (1140-1220), prior de Ebstorf de então. Provavelmente vários monges ilustradores e copistas trabalharam no mapa (DREYER EIMBCKE, 1992; PISCHKE, 2014).

O mapa de Ebstorf, possuía certamente uma grande dimensão. Pischke (2014), atribui ao mapa original o tamanho de 3,58 m por 3,56 m. Devido a um incêndio, o mapa original perdeu-se. Atualmente, apenas sobrevivem cópias do mapa, sendo as mais famosas 4 cópias do artista Rudolf Wieneke, feitas entre 1951 e 1953. Duas dessas cópias estão em Lüneburg, na Alemanha (PISCHKE, 2014).

Destaca-se no mapa, uma grande quantidade de figuras e trechos escritos, que servem tanto para representar certas cenas e episódios presentes nas Sagradas Escrituras,

bem como descrever uma série de maravilhas zoológicas, botânicas, culturais e geográficas provindas da literatura enciclopédica medieval.

Comentemos alguns aspectos simbólicos do panorama estético geral do mapa. Note os pontos cardeais do mapa, na Figura 5. Olhando atentamente, vemos o desenho da cabeça de Cristo ao cimo do mapa, no extremo Oriente (pois este mapa, assim como os anteriores, tem o Oriente como direção mestre, ao cimo). Próxima a cabeça de Cristo, fica o paraíso, com as persistentes figuras de Adão e Eva. Ao Norte e Sul, esquerda e direita de nosso mapa, se encontram desenhadas nas bordas do mundo as mãos de Cristo. No Ocidente, na parte inferior do mapa, vê-se os pés. A analogia que o mapa apresenta com esses elementos estéticos, parece-nos clara: o mundo é representado como que sendo o corpo de Cristo. Toda a história do mundo, a diversidade da criação, começa e termina com o Redentor. Para ser mais clara a analogia com o corpo, vemos próximo ao centro do mapa uma ilha de Sicília em forma de coração. Para Baschet (2006), essa analogia do mapa de Ebstorf representa a união do mundo em Cristo.

A posição de Cristo, no mapa de Ebstorf, representado pelos seus membros nas direções cardeais do mapa, também lembra a crucificação. A posição da representação de Cristo lembra como eram construídas as igrejas românicas cristãs: segundo Franco Júnior (2010) essas igrejas eram projetadas representando o corpo de Jesus crucificado. A abside da igreja, ficava voltada ao Oriente, representando a cabeça de Jesus. Os membros inferiores e os pés formavam a nave (local dos fiéis), alongando-se para o Ocidente. O transepto da igreja correspondia aos braços, voltados para o Norte e para o Sul (FRANCO JÚNIOR, 2010).

As diversas figuras, cenas, representadas em todo mapa, não são meras coincidências ou inventividade dos monges católicos. Os elementos ilustrativos do mapa, são antes sinais de associação de certo conteúdo do maravilhoso à determinados espaços geográficos, desconhecidos ou vislumbrados, como diria Giucci (1992). O Oriente, já se somava ao imaginário medieval, como um lugar de abundância, graças às heranças culturais gregas e romanas (GIUCCI, 1992). Onde reinava a abundância de pedras preciosas, plantas e animais, o imaginário medieval incorporou cenas narradas nas Sagradas Escrituras, santos e milagres. Não faltava as contribuições da literatura enciclopédica, que através de autores antigos como Julius Solinus (250 d.C.), em seu *Collectanea rerum memorabilium*, e medievais,

como Isidoro de Sevilha em *Etimologias*, proclamavam o Oriente e os confins da África, como que lugares de criaturas maravilhosas e monstros bizarros.

Atentemos para alguns detalhes das ilustrações pontuais, que fazem parte do discurso sacro e pitoresco, presente no comentado mapa. Não muito acima de Jerusalém, que está no centro do mapa, vê-se, em direção à Mesopotâmia (ou seja, em direção ao Oriente, traçando um caminho do centro à parte superior do mapa), uma alta construção: se trata da Torre de Babel, citada no livro bíblico do Gênesis (11, 1-9); podemos ver ampliada essa ilustração, contida no mapa, através de nosso recorte na Figura 6. Seguindo em linha reta, para a esquerda, ou seja, para a direção Norte do mapa, vemos a representação da Arca de Noé, que após o dilúvio universal pousa sobre um monte (Gênesis 8, 1-14). Visualizemos, pois, nossos recortes:

Figura 6: Torre de Babel, recorte da Fig. 5



Fonte: Kugler (2007). Disponível em: Schmudlach (2012).

Figura 7: Arca de Noé, recorte da Fig. 5



Fonte: Kugler (2007). Disponível em: Schudlach (2012).

Todo o mapa é um discurso das cenas bíblicas, do maravilhoso e do pitoresco. Conjugando as ilustrações do mapa de Ebstorf às particularidades de cada significado simbólico, próprio de cada elemento, temos a impressão de mergulhar em um quadro caótico de imagens, textos e de discurso religioso. Contudo, essa primeira impressão, deve ser aos poucos desanuviada, uma vez que devemos ter em mente que a gama complexa de elementos do mapa de Ebstorf, se inscrevem em forma de uma linguagem simbólica, mais ou menos unificada, com que o ser humano medieval concebia o mundo, expressada nos autos de seu imaginário diverso. No que concerne ao imaginário, diz Franco Júnior:

[...] os imaginários, formas próprias de os homens verem o mundo e a si mesmos, criam elos, geram e mantêm grupos, despertam consciência social. Ao expressar valores coletivos, os imaginários dão ao homem a sensação de pertencer não apenas ao seu momento, mas de fazer parte de uma história. (FRANCO JÚNIOR, 2010, p. 82).

Dessa forma, podemos ler o mapa de Ebstorf, assim como os demais mapas tratados nesse estudo, com referência a uma história universal, calcada nas cenas bíblicas, acidentes geográficos, templos, castelos, animais, plantas, criaturas míticas e uma diversidade de elementos textuais, inscritos no *metaespaço* do mapa medieval; uma história que remete os devotos cristãos à contemplação do tempo e do espaço rumo à uma deflagração total do

mundo, que se conclui com o Julgamento Final anunciado nos evangelhos e o fim da jornada pela salvação da humanidade pecadora (BROTTON, 2015).

Considerações finais

Antes mesmo de serem feitos os grandes mapas circulares de Ebstorf e Hereford, se desenvolvia na Europa, desde o século XII, uma cartografia voltada a atender às necessidades dos navegadores do Mediterrâneo. Talvez provindos da cartografia árabe ou de resquícios da cartografia antiga (SANTOS, 2002), as chamadas cartas-portulano (de “porto”, ou seja, cartas do porto), apresentavam desenhos recortados de litorais e ilhas pelas quais os navegadores normalmente passavam. Os espaços das cartas eram aproveitados como podia-se, sem a necessidade de limites ou bordas, como nos mapas mundo circulares. Os desenhos, representavam certa porção de terra e mar, e não todo o mundo, como os ecúmenos devocionais dos livros e painéis feitos nos mosteiros.

Contudo, é certo que inicialmente essas cartas não contavam com um sistema de coordenadas unificado. Cada carta possuía seu cruzamento de linhas, provindas de certos pontos principais na carta e de uma ilustração de uma Rosa dos Ventos: eram as chamadas linhas de rumo. Cada portulano, possuía sua própria combinação de linhas de rumo (BROTTON, 2014).

No século XV, reapareceram no contexto europeu as teorias de Ptolomeu, sobre a configuração da superfície terrestre e a forma de dispor sistemas de coordenadas unificados para localizar lugares na Terra, graças à tradução e popularização da obra *Geografia*, escrita cerca de 1400 anos antes. As projeções da superfície esférica da Terra por sobre planos chatos (bidimensionais), teorizado por Ptolomeu, foi uma ferramenta usada para a produção de uma nova geração de mapas, impulsionada pelo comércio marítimo e pela exploração e descoberta de novas terras via mar.

Nessa época de profundas mudanças, os mapas devotos e arredondados da antiga visão de mundo cristã, ainda continuavam a fazer parte da realidade de alguns meios da Igreja. Houve, contudo, uma continuação da visão cristianizada de mundo e do imaginário medieval, mesmo na confecção das cartas-portulano e nos mapas inspirados pelas teorias de Ptolomeu.

A simbologia expressada nos mapas circulares e arredondados cristãos, continuou, ainda que parcialmente, expressa na geração de mapas dos séculos XV e XVI. A referência a

uma história santa não era, por sua vez, o objetivo principal dos novos mapas desses períodos. Agora os objetivos das cartas e mapas exigiam precisão geográfica e direções seguras para atender à crescente exploração marítima em curso. Contudo, resquícios da história santa, devota no pensamento medieval, influenciaram certos elementos contidos nas cartas e mapas de então. Em alguns casos, a produção de mapas mundo perseverou, sintetizando a precisão das formas das terras e continentes, provinda dos portulanos, com elementos simbólicos dos ecúmenos arredondados, dos mapas T-O e dos Beatos.

Certamente o mais importante legado dos ecúmenos circulares e arredondados da Idade Média seja a possível leitura, legada às futuras gerações, das ideologias geográficas do passado medieval, à qual podemos obter de seu estudo sistematizado. Essa consideração é ainda revestida de mais importância se levarmos em conta o processo de formação da própria modernidade. Isto é certo: quando certos conhecidos personagens históricos, à exemplo de um Cristóvão Colombo, lançaram velas ao mar, mesmo levando à crises de velhas ideias geográficas, estavam estes, ainda imbuídos de um espírito educado nas concepções de um velho mundo.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 6ª edição. Tradução da 1ª edição por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução de novos textos por Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (5ª tiragem, 2020).
- BASCHET, J. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.
- BAUAB, F. P. **Do conhecimento geográfico medieval à Geografia Geral (1650) de Varenius: uma contribuição ao estudo da história e da epistemologia da Geografia**. Cascavel-Pr: Edunioeste, 2012.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. portuguesa da versão francesa dos originais grego, hebraico e aramaico, traduzidos pelos Monges Beneditinos de Maredsous, Bélgica. São Paulo: Ave Maria, 2005.
- BOEHNER, P. e GILSON, E. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2012.
- BOORSTIN, D. J. **Os descobridores: de como o homem procurou conhecer-se a si mesmo e ao mundo**. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- BORGES, T. J. **Do texto ao traçado iconográfico: as representações das *Sortes Apostolorum* nos mapas-múndi dos *Beatos* (séculos X-XIII)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Medieval) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Lisboa, 2010.
- BORNEMAN, E. **Types of Medieval European Maps**. 11 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.geographyrealm.com/types-medieval-european-maps/>. Acesso em: março de 2020.

- BRITISH LIBRARY. **The Map Psalter**. Collection Items. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/psalter-world-map>. Acesso em: março de 2020.
- BROTTON, J. **Uma história do mundo em doze mapas**. Tradução de Pedro Maia. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- CARVALHO, M. S. **A Geografia desconhecida**. Londrina: Eduel, 2006.
- DREYER-EIMBCKE, O. **O descobrimento da Terra**. Trad. Alfred Josef Keller. São Paulo: Melhoramentos, Edusp, 1992.
- ECO, U. **Arte e beleza na estética medieval**. Tradução de Mario Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- ECO, U. **História das Terras e Lugares Lendários**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- FRANCO JÚNIOR, H. **Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval**. São Paulo: Edusp, 2010.
- GIUCCI, G. **Viajantes do Maravilhoso, o Novo Mundo**. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- HISTÓRIA da Cartografia. **Coleção Georama**. Rio de Janeiro: Codex, 1967.
- KIMBLE, G.H.T. **A Geografia na Idade Média**. Tradução de Márcia Siqueira de Carvalho. Londrina-Pr: Eduel; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 2005.
- KUGLER, H. (Hrsg.). **Die Ebstorfer Weltkarte**, Band I: Atlas und II: Untersuchungen und Kommentar; Akademie Verlag, 2007. Mehr in (5), Band 1: Atlas, S. 5. Digitalização. In: SCHMUDLACH, D. **Die Ebstorfer Weltkarte - eine 'mappa mundi'. Die größte Radkarte des Mittelalters**. Museu de Seiten. Alemanha. 15 de outubro de 2012. Disponível em: <http://www.landschaftsmuseum.de/Seiten/Museen/Ebstorf1.htm>. Acesso em: setembro de 2020.
- MACROBIUS. “**Carté du monde**”. [s.d.]. Manuscrito. *Commentaire sur le songe de Scipion*. Latin 6371 f° 20v. Digitalização. In: BIBLIOTECA NACIONAL DE PARIS. **Représenter la Terre**. Naissance de la cartographie. Disponível em: <http://expositions.bnf.fr/globes/bornes/itz/22/04.htm>. Acesso em: janeiro de 2021.
- PISCHKE, G. **The Ebstorf Map: tradition and contents of a medieval picture of the world**. *Hist. Geo Space Sci.*, 5, p. 155–161, 2014. (Inglês)
- RANGLES, W.G.L. **Da Terra plana ao Globo Terrestre: uma mutação epistemológica rápida (1480-1520)**. Campinas – SP: Papyrus, 1994.
- SANTO AGOSTINHO. **A Cidade de Deus: Obra Completa com os 22 Livros**. Adaptada da edição da Livraria Schimidt, Rio de Janeiro, 1931. Edição do Kindle. (e-book)
- SANTO AGOSTINHO. **De Magistro**. Porto Alegre: Publicações do Instituto de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul, 1956.
- SANTO ISIDORO. *De natura rerum*. Tradução em espanhol de Gonzalo Soto Posada. **Escritos**. Vol. 27. n° 58; p. 143-197. Medellín – Colômbia: 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.18566/escr.v27n58.a08>. (Espanhol)
- SANTO ISIDORO. **Etimologías**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004. (Espanhol)
- SANTOS, D. **A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Edunesp, 2002.